

Índios Caiapó vão explorar madeira de forma sustentada

Paulinho Payakã defende exploração racional

Raimundo José Pinto
de Belém

Os índios Caiapó, que possuem uma reserva de 3,2 milhões de hectares no Pará, cortada pelo rio Xingu e são considerados um dos grupos indígenas da Amazônia que historicamente tem várias contribuições a dar para a exploração racional dos recursos naturais da região, resolveram assumir de vez a exploração da imensa reserva madeireira que existe em suas terras. Para isso enviaram esta semana a Belém um de seus mais conhecidos e polêmicos caciques, Paulinho Payakã, da aldeia Aukre. Ele vai acompanhar, a convite dos organizadores, os debates do III Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical e conhecer o que existe de mais moderno em equipamentos e serviços que estão sendo oferecidos na II Feira de Máquinas e Produtos do Setor Madeireiro.

"Vim aqui para aprender, aproveitar essa oportunidade para ver a tecnologia que estão usando na exploração da madeira, como estão fazendo o reflorestamento, o manejo sustentado, a comercialização. Que-



Paulinho Payakã

ro saber como o índio pode trabalhar na floresta sem destruir", afirma Paulinho Payakã. É sua primeira aparição pública depois do processo que respondeu na Justiça, acusado de ter estuprado uma jovem estudante em Redenção. Trata-se de um episódio que afetou muito sua imagem de preservacionista e defensor das causas indígenas, principalmente no exterior, para onde viajou várias vezes para fazer palestras e receber prêmios. É assunto sobre o qual ele se recusa a falar.

Paulinho Payakã não vê nenhuma contradição entre a antiga imagem de defensor da ecologia e sua posição atual em favor da exploração da madeira da reserva Caiapó. "As pessoas falam em ecologia, em preservar tudo. Elas vão viver de que então? Elas têm que produzir. O que querem é que o índio preserve pro gringo, que vai viver melhor e não ajuda o índio. E nós, vamos continuar sofrendo? - pergunta o cacique Caiapó. "Nos últimos 500 anos o homem branco só fez destruir a natureza e agora está querendo convencer o índio que ele tem que preservar o que ainda resta".

No passado os Caiapó desenvolveram tecnologias no trato com a natureza, sem provocar a destruição da rica diversidade biológica existente na região amazônica. Mas a partir do início da década de 80 a intensificação do contato com o homem branco esse equilíbrio foi afetado, principalmente porque os índios passaram a ter grandes lucros com a exploração do ouro e da madeira nobre, como o mogno, dentro da reserva. Nos últimos anos têm sido feitas várias denúncias sobre a exploração ilegal de madeira na reserva Caiapó.

Um trabalho publicado ano passado pelo Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), uma organização não-governamental com sede em Belém, mostrou que cerca de um terço da área de abrangência do mogno na Amazônia coincide com áreas indígenas. O estudo revelou ainda que 45% dos extratores de mogno entrevistados por seus técnicos estavam extraindo mogno de terras indígenas. E que no final de 1992 a extração de mogno já havia ocorrido em todas as 15 reservas indígenas do sul do Pará.

O III Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical foi aberto ontem à noite em Belém. Hoje pela manhã estão marcados dois debates. Um sobre o acesso privado às florestas públicas, com a participação do presidente Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), Eduardo Martins, e outro sobre instrumentos internacionais de políticas para promover o desenvolvimento sustentado. À tarde os congressistas vão discutir sobre interesses internacionais na Amazônia e a ameaça à soberania e sobre a indústria de base florestal como agente de desenvolvimento. O encontro prossegue até sexta-feira.

97m
5/11/97
Kayapo
A-6
330